

## **A Revolução Russa e o movimento operário brasileiro: confusão ou adesão consciente?**

PRADO, Carlos<sup>1</sup>

**Resumo:** O objetivo do presente artigo é investigar as repercussões da Revolução Russa no movimento operário brasileiro e questionar a historiografia hegemônica que afirma que o apoio das correntes libertárias ao bolchevismo foi resultado de uma grande “confusão”. Argumenta-se que devido à falta de informações corretas e precisas do que realmente acontecia na Rússia, os anarcossindicalistas se enganaram e confundiram o caráter político-ideológico dos bolcheviques. Não obstante, a concepção de que esse apoio procedeu da falta de informações concretas não se sustenta historicamente. Afinal, a revolução foi noticiada e comentada exaustivamente pela imprensa burguesa e operária. A tese de que não havia conhecimento sobre o que realmente se passava em território russo se revela bastante frágil.

**Palavras-chave:** Revolução Russa; Movimento operário; Teoria libertária; Estado.

### **The Russian Revolution and the Brazilian labor movement: confusion or conscious adhesion?**

**Abstract:** The purpose of this this article is to investigate the repercussions of the Russian Revolution on the Brazilian labor movement and to question the hegemonic historiography that affirms that the support of the libertarian chains to Bolshevism was the result of a great "confusion". It is argued that due to the lack of correct and accurate information of what really happened in Russia, the anarcho-syndicalists were mistaken and confused the political-ideological character of the Bolsheviks. However, the view that this support came from lack of concrete information does not seem to be historically sustained. After all, the revolution was reported and commented exhaustively by the bourgeois and workers' press. The thesis that there was no knowledge about what really happened in Russian territory is very fragile.

**Key-words:** Russian Revolution; Labor Movement; Libertarian Theory; State.

## **REPERCUSSÕES DA REVOLUÇÃO RUSSA NO BRASIL**

Ao contrário do que ocorreu na Europa, onde o movimento comunista surgiu de uma dissensão na socialdemocracia, no Brasil ele teve sua origem a partir de uma cisão entre os libertários. Este processo de ruptura se gestou entre 1918 e 1921, sendo marcado pelo período de grande agitação operária com a eclosão de diversas greves e pela influência e discussões em torno da Revolução Russa.<sup>2</sup> A

---

<sup>1</sup> Mestre em Filosofia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Professor do curso de História da UFMS, cidade universitária. E-mail: carlosprado1985@hotmail.com

<sup>2</sup> Astrojildo Pereira (2012, p. 77) militante fundador do Partido Comunista do Brasil observa: “O Partido Comunista do Brasil nasceu das lutas operárias que agitaram o país durante os anos de 1917 a 1920 e se formou sob a influência decisiva da Revolução Socialista de Outubro.”

Revolução de Outubro foi um acontecimento que extrapolou as fronteiras europeias e repercutiu para além do velho continente. Os ecos da vitória proletária também foram sentidos na América Latina e no Brasil.

Desde a queda do tsar na Revolução de Fevereiro, passando pela ascensão e queda de Kerenski a imprensa mundial e brasileira acompanhou de perto as transformações no território russo. O processo revolucionário foi noticiado pela imprensa brasileira de forma bastante ampla desde fevereiro. As linhas editoriais expressavam os interesses de classe de cada jornal.<sup>3</sup> Quando o tsar caiu em fevereiro as publicações burguesas noticiaram com entusiasmo e apoiaram a integração da Rússia no terreno da democracia e da liberdade. Defenderam as ações de Kerenski e o apresentaram como o verdadeiro líder da revolução que introduzia a Rússia nos valores do mundo ocidental.

Em seguida, quando Lênin entrou em cena, iniciou-se o processo de difamação, apresentado-o sempre como “traidor”, um “agente a soldo da Alemanha”, um “espião a serviço do Kaiser”.<sup>4</sup> A campanha contra o governo soviético teve início antes mesmo dele existir e, após a Revolução de Outubro, jamais cessou, pelo contrário, ampliou-se. Quando a insurreição bolchevique se consagrou vitoriosa, os jornais lamentaram a queda do governo provisório e o triunfo de Lênin.

Por outro lado, as publicações operárias divulgavam e demonstravam entusiasmo pela revolução e seus líderes. Mesmo os grupos anarquistas e anarcossindicalistas tiveram simpatia pela Revolução Soviética. Vários periódicos direcionados à classe operária publicaram textos que apresentavam simpatias com a Revolução Russa. Escreveram editoriais e artigos encantados pelo caráter “libertário” que os bolcheviques apresentavam. Viam como positiva a queda do regime tsarista e de Kerenski e se manifestavam favoráveis à vitória dos conselhos operários.<sup>5</sup>

---

<sup>3</sup> “O Brasil acompanhou a queda do tsar e a deposição de Kerenski com a retina de Haas, United Press e outras agências internacionais. A imagem da revolução russa, que projetavam, era a imagem que as altas finanças de Nova York, Londres e Paris dela faziam”. (BANDEIRA, 2004, p. 104)

<sup>4</sup> “O nome de Lênin começou a aparecer no noticiário, de abril em diante, como “espião alemão”, “agente do Kaiser” e “vendido aos impérios centrais”. Noticiou-se que Guilherme II permitira sua passagem pela Alemanha, da Suíça para a Rússia, num trem blindado, ao qual também teria dado cobertura aérea, durante o seu trajeto”. (BANDEIRA, 2004, p. 125)

<sup>5</sup> “A defesa das duas revoluções, e dos acontecimentos históricos posteriores a elas, aparece como tônica em várias publicações espalhadas pelo Brasil: *Tribuna do Povo* (Recife), *Alba Rossa* (São Paulo), *A Hora Social* (Recife), *A Razão* (Bauru), *Spartacus* (Rio de Janeiro), *A Vanguarda* (São Paulo), *A Semana Social* (Maceió), *O Semeador* (Belém), *Germinal* (Bahia), *Voz do Operário*

## A INSURREIÇÃO DE 1918

Enquanto as páginas dos jornais operários traziam informações sobre cenário político internacional, os trabalhadores brasileiros sofriam com a carestia de vida e com a crescente repressão. A luta de classe se acirrava e o movimento operário partia para a ofensiva. No final de 1918, quando ainda ecoavam os feitos da Revolução de Outubro, os militantes da capital federal organizaram uma insurreição armada. O levante ocorreu em 18 de novembro e é um dos fatos mais marcantes deste período de crescentes mobilizações. Esta ação deve ser entendida como resultado de um momento de grande efervescência social, marcado pela crescente organização operária. O advento de sucessivas lutas proporcionou o aperfeiçoamento das formas organizativas; a fundação da União Geral dos Trabalhadores é um exemplo dessa crescente atuação.

Nestas condições criou-se a percepção de que era possível convocar uma greve geral que seria o prelúdio de uma insurreição armada contra o Estado burguês. Os anarcossindicalistas interpretaram que o cenário era adequado para o advento de um levante que colocasse fim à exploração da classe operária. José Oiticica, Agripino Nazaré e Astrojildo Pereira atuaram de forma decisiva na preparação da insurreição.<sup>6</sup>

A ação foi convocada para começar às 16h de 18 de novembro com a paralisação de indústrias do Rio de Janeiro, Niterói, Petrópolis e Magé. A greve teve início conforme o planejado tendo adesão dos trabalhadores das fábricas de tecidos, da construção civil e da metalurgia. Todavia, a luta não ganhou o apoio de outras categorias e não se transformou num movimento de massas. Além disso, as autoridades controlaram rapidamente a atividade dos grevistas. Realizaram-se combates em algumas regiões, especialmente no Campo de São Cristóvão, onde os trabalhadores tentaram tomar de assalto à Intendência de Guerra. Mas em pouco tempo, o Exército ocupou a região, abriu fogo contra os insurretos e controlou a situação. O fato é que não se tomou os cuidados necessários com a preparação da

---

(Aracaju), etc. Completando a ação dos jornais e revistas temos as manifestações individuais de Lima Barreto, Humberto Campos, Afonso Schmidt e outros". (CARONE, 1989, p. 64)

<sup>6</sup> "José Oiticica foi designado líder do 'conselho' diretor da insurreição, sendo nesta tarefa auxiliado por Agripino Nazaré, advogado da Bahia, e Astrojildo Pereira (...) Outros que estiveram ligados ao conselho insurrecional foram Manuel Campos, o anarquista espanhol que dirigia *Na Barricada* em 1915-1916, Álvaro Palmeira, um professor de certo prestígio entre os operários da construção civil, e Carlos Dias, o operário Gráfico que por mais de 10 anos vinha trabalhando na publicação de jornais anarquistas". (DULLES, 1977, p. 67)

ação. Agentes policiais infiltrados sabiam dos planos e se prepararam para reprimir o levante.<sup>7</sup>

Centenas de operários foram presos durante a repressão policial, inclusive José Oiticica que foi apontado com o grande articulador da ação. A repressão também atingiu as organizações operárias, a recém fundada União Geral dos Trabalhadores foi fechada três dias depois pelo Decreto n. 13.295. As atividades da União dos Operários em Fábricas de Tecidos, dos metalúrgicos e da construção civil também foram suspensas provisoriamente. Justificava-se que eram organizações com objetivos nocivos à ordem.

Após o fracasso da insurreição de 1918, a questão organizativa começou a permear os debates no interior do movimento operário. Alguns militantes começaram a se questionar sobre as razões das derrotas que o movimento operário vinha sofrendo desde o momento em que as lutas se tornaram mais agudas. A descentralização que caracterizava o movimento anarcossindicalista foi colocada em cheque. Nesse ínterim, a vitória da Revolução de Outubro aparecia como o contraponto. O sucesso dos bolcheviques despontava como um novo modelo a ser seguido.<sup>8</sup> O movimento operário russo estava organizado em torno de um partido, no qual o centralismo-democrático era o pilar fundamental.

A ideia de formação de um partido operário começou a ganhar força. Tal concepção entrava em cheque com pressupostos basilares da teoria libertária, mas a constituição de um partido realmente combativo, que não concentrasse suas atividades na via parlamentar-reformista ganhava simpatia entre as lideranças do movimento operário. Assim, começou se desenhar o processo de ruptura ou transição de alguns militantes que abandonaram a perspectiva anarcossindicalista e abraçaram a teoria comunista. Em meio a essas discussões e debates se constituiu o Partido Comunista do Brasil de 1919.

## **O PARTIDO COMUNISTA-LIBERTÁRIO**

---

<sup>7</sup> “Há fatos que demonstram os limites da ação revolucionária, como no caso do tenente José Elias Ajúz: este fica sabendo da conspiração e, obedecendo a ordens de seus comandantes, infiltra-se entre os anarquistas, no dia 13 de novembro, isto é, cinco dias antes da data do golpe. Depois de apresentado a José Oiticica, este, sem a mínima cerimônia, lhe expõe como pretendem agir”. (CARONE, 1989, p. 67)

<sup>8</sup> “Depois do malogro do movimento revolucionário de novembro de 1918, muitos dos seus implicados partem para novas experiências. Esta é motivada pela visão que se tem da revolução Russa (...)”. (CARONE, 1989, p. 69)

Entusiasmados com a notícia da fundação da III Internacional em março de 1919, um grupo de militantes anarcossindicalistas que se identificavam com a Revolução Russa tomaram a iniciativa de criar um Partido Comunista no Brasil. A organização foi fundada em 9 de março, no Rio de Janeiro. Os libertários sempre optaram pela ação direta e repudiavam qualquer tipo de organização centralizada e disciplinada, pois não aceitavam intermediadores, burocratas ou chefias que tirassem a autonomia dos operários organizados diretamente nas fábricas. A iniciativa da fundação de um Partido Comunista revela a influência da Revolução Russa entre os libertários. Almejavam construir uma coordenação política nacional que não se limitasse as reivindicações imediatas. Canale (2013, p. 124) assinala que “embora o ‘PC do B’ fosse bastante heterogêneo, havia nele elementos favoráveis a uma ação especificamente *política* utilizando como instrumento uma organização um pouco menos descentralizada”.

O livro *O que é maximismo ou bolchevismo* de Negro e Leuenroth foi elaborado e publicado com o objetivo de expor o programa do referido partido. Os autores apresentaram uma descrição ideal de como seria a constituição de uma República Comunista. Esta sociedade idealizada faz alusão a uma organização transitória baseada nos conselhos: “Atualmente na Rússia, conforme a sua constituição... está estabelecida uma organização política e econômica de transição, que confere todo o poder nacional aos trabalhadores e soldados reunidos em conselhos (sovietes)” (*Apud DULLES, 1977, p. 78*). Mais uma vez se percebe os anarcossindicalistas brasileiros se aproximando dos princípios estabelecidos pela Revolução Bolchevique: constituíram um partido operário (Comunista) e também aceitaram a existência de um poder responsável pela transição da sociedade capitalista à libertária.

Entre 21 e 23 de junho, o Partido Comunista realizou, no Rio de Janeiro, a “Primeira Conferência Comunista do Brasil”. A reunião foi presidida por Oiticica e contou com a participação de grupos e delegados de diversos outros Estados.<sup>9</sup> O programa apresentado defendia a abolição do Estado, de todas as leis e instituições políticas. Afirmava que todas as decisões deveriam ser tomadas em assembléias

---

<sup>9</sup> “Durante a primeira reunião, no Centro Cosmopolita, centenas de pessoas acompanharam o desenvolvimento dos trabalhos conduzidos por 22 delegados que se sentavam em volta de uma larga mesa posta no meio do salão. Estes delegados representavam grupos ‘comunistas’ do Distrito Federal e dos Estados de Alagoas, Minas Gerais, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Sul e São Paulo”. (DULLES, 1977, p. 78)

públicas pelo próprio povo reunido. Defendia a igualdade, a liberdade plena e repudiava a autoridade religiosa. O texto ainda estabelecia o fim da propriedade privada e a socialização de todos os meios de produção; as terras, as fábricas e oficinas deveriam ser administradas pela coletividade e toda a produção distribuída de acordo com as necessidades.

Apesar de flertar com alguns princípios do bolchevismo e do nome de “comunista”, o ‘PC do B’ de 1919 não pode ser caracterizado como tal. Seus princípios estavam muito mais próximos das concepções libertárias do que das orientações leninistas e, não guarda relação de continuidade com o PCB, fundado em 1922. De acordo com Canale (2013, p. 125), se constituiu como “uma espécie de Estado-Maior de alguns dos mais importantes grupos libertários”. O partido organizou uma série de atividades ao longo de 1919, inclusive as manifestações do 1 de maio daquele ano. Não obstante, diante da repressão política que se seguiu, o partido desapareceu após janeiro de 1920, sem apresentar nenhuma dissolução oficial.

## A CISÃO

Não obstante a aproximação dos anarcossindicalistas com o bolchevismo não perdurou muito tempo. No início de 1920 alguns militantes começaram a lançar dúvidas e críticas à Revolução Russa. De acordo com Dulles (1977, p. 132-133) o primeiro a escrever em *A Plebe* atacando os bolcheviques foi Florentino de Carvalho. Ele afirmou em seus artigos que os anarquistas não poderiam se esquecer que são contra a ditadura, a lei e o Estado. Acrescentou que os bolcheviques caminhavam para a consolidação de um governo centralizado. Logo depois outros militantes se somaram a Florentino e passaram a criticar e denunciar os abusos da Revolução Russa.<sup>10</sup>

Em outubro, *A Plebe* publicou um artigo intitulado “Ditadura proletária” que, tomando o exemplo da Rússia Soviética, defendia a necessidade histórica da manutenção do Estado no período posterior a revolução: “a ditadura proletária na Rússia é necessária, é humana (...) Enquanto houver um só burguês na terra, um só

---

<sup>10</sup> “A vigorosa campanha antibolchevista de *A Plebe* teve início em 27 de novembro, com um artigo que não dava lugar a dúvidas: “Pela Revolução Anarquista contra a Burguesia e contra o Bolchevismo”. (...) A reação anarquista consistiu na publicação em *A Plebe* (dezembro de 1920) de sensacionais história contra os bolchevistas. Uma manchete dizia do “Terror Bolchevista na Rússia” e outra de Pedro Kropotkin, “O Velho Libertário, Reduzido à Miséria”.” (DULLES, 1977, p. 136)

burguês pigmeu, nulo, nos confins da Patagônia ou nos confins da Groelândia, o libertário não deverá dispensar a força”. (*Apud* BANDEIRA, 2004, p. 363). Argumentou-se que o Estado, enquanto portador da violência institucionalizada era uma condição para a vitória definitiva das forças revolucionárias contra a burguesia:

Com todo esse elemento perigoso em casa, a revolução poderá se manter sem ditaduras? Por muitos anos, enquanto a formidável tarefa de reeducação do caráter humano não estiver terminada, a ditadura proletária, isto é, a força bruta, a força detestada, odiosa, mas necessária, imprescindível, não deverá ser dispensada. (*Apud* BANDEIRA, 2004, p. 363)

Este artigo apenas abriu o debate. Imediatamente abaixo, havia uma “nota da redação” apresentando uma resposta aos defensores da ditadura do proletariado:

A nossa fé nas forças ideais não vai até negar a necessidade das forças que são o braço executor da ideia, braço pesado tanto quanto necessário for. Mas esse braço não podemos, nós, os anarquistas, pô-lo a serviço de um governo ditatorial, mesmo que esse governo se proclame representar o proletariado. (*Apud* BANDEIRA, 2004, p. 364)

Recuperando os princípios libertários, a nota nega a necessidade da ditadura, mesmo sendo comandada pelas forças operárias. Argumenta que não há necessidade histórica que justifique a implantação de um governo centralizador e autoritário. *A Plebe*, em 6 de novembro retomou a discussão e apontou de maneira clara o rompimento: “E eis que os socialistas ou maximalistas da Rússia declaram guerra aberta aos anarquistas, definindo francamente a posição que cada um deve ocupar para o futuro: maximalistas de um lado, e anarquistas de outro”. (*Apud* BANDEIRA, 2004, p. 371). José Oiticica também escreveu no princípio de 1921 alguns artigos para a *Voz do Povo*, nos quais demonstrou a sua oposição ao caminho que a Revolução Russa estava seguindo.

Em meados de 1921, as lideranças do movimento operário anarcossindicalista estavam divididas. Os contrastes entre as teses libertárias e as concepções comunistas estavam evidentes e a cisão se concretizou. Alguns permaneceram fieis aos princípios libertários e passaram a atuar na denúncia da Revolução Russa e do seu modelo centralizador. Outros adotaram as teses bolcheviques em torno da ditadura do proletariado e da constituição de um partido disciplinado.

## **A TESE DA REVOLUÇÃO INCOMPREENDIDA**

A historiografia do movimento operário, escrita por militantes na forma de memória ou como história oficial do partido, assim como a história elaborada pelos historiadores profissionais tem reafirmado que a simpatia da corrente libertária pela Revolução Russa foi resultado de uma verdadeira “confusão”. Argumenta-se que devido à falta de informações corretas e precisas do que realmente acontecia na Rússia, os anarcossindicalistas se enganaram e confundiram o caráter político-ideológico dos bolcheviques.

A literatura “militante” apresenta a concepção de que a simpatia inicial dos libertários com a Revolução Russa foi resultado de uma “incompreensão” do processo que ocorria na Rússia Soviética. Astrojildo observa: “havia a suposição de que se tratava de uma revolução de tipo libertário, abrindo caminho ao anarquismo. Mas isso resultava simplesmente da completa ignorância” (PEREIRA, 2012, p. 47). José Oiticica (*Apud* MATTOS, 1998, p. 268) também endossa essa perspectiva ao afirmar que em 1921 “já não nos iludíamos mais com Lênin, Trotski e outros ‘revolucionários’ dessa espécie”. (OITICICA *Apud* MATTOS, 1998, p. 268)

Afirma-se que o apoio e o entusiasmo direcionado aos soviéticos se produziram pela ausência de clareza do processo. Apoiavam porque não tinham informações sobre o caráter real das transformações levadas a cabo pela revolução. Estes mesmos argumentos também aparecem entre os historiadores. Mattos argumenta que “A historiografia tendeu a endossar essa imagem de anos confusos, de adesão mal informada dos anarquistas à causa da revolução soviética” (MATTOS, 1998, p. 268). Vejamos como esta problemática é apresentada por alguns historiadores do movimento operário brasileiro.

Carone (1989, p. 63) afirma que ninguém tinha um conhecimento preciso sobre o que ocorria de fato na Rússia: “O que domina, por falta de informação, é a visão confusa e fantasiosa da realidade soviética, o que leva os interessados a confundirem os valores”. O historiador ainda aponta que “A confusão persiste até 1920, quando a verdade sobre o bolchevismo torna-se clara para os observadores estrangeiros”. De acordo com Carone, foram precisos alguns anos até que dados e informações mais sérias revelassem o verdadeiro significado do bolchevismo, levando os libertários ao rompimento com a revolução.

Esta mesma interpretação encontra-se em Canale. Ele observa que esta simpatia dos anarcossindicalistas com a Revolução Russa era resultado de uma compreensão equivocada sobre os acontecimentos. Compreende que devido às

informações truncadas, a imprensa revolucionária acabou se enganando quanto ao caráter político-ideológico da Revolução de Outubro: “o apoio hipotecado pelos anarcossindicalistas brasileiros aos bolcheviques após 7/11/1917 foi o resultado de um equívoco. Já antes desta data, eles julgavam que na nova Rússia o poder estatal estivesse em extinção” (CANALE, 2013, p. 110). Em outra passagem acrescenta: “Até meados de 1918, a imprensa anarcossindicalista brasileira publicava interpretações bastante irreais da nova estrutura estatal russa, do papel do partido bolchevique e dos soviets, do aporte dos principais dirigentes, etc” (2013, p. 108). Canale também aponta que foi a partir de 1920, que novas informações trouxeram luz à problemática e revelaram aos libertários a oposição entre os seus princípios e a orientação bolchevique: “Os anarcossindicalistas brasileiros só compreenderam isto [natureza não anarquista dos bolcheviques] após a repressão do movimento de Nestor I. Machnó (1917-1920) e da insurreição de Kronstadt”. (CANALE, 2013, p. 111)<sup>11</sup>

Em Bandeira (2004 p. 203-204) também encontramos o argumento de que o apoio libertário foi resultado da incompreensão: “Os militantes anarcossindicalistas saudavam-na como realização da utopia libertária. Faltava, na verdade, a todos, inclusive à intelectualidade, a informação exata e precisa sobre o tipo de regime que, na Rússia, se implantava”. Mesmo a historiografia mais recente tem repetido esta interpretação. De acordo com Gomes (1988, p. 139): “Do pondo de vista doutrinário inicia-se um momento de grande confusão sobre o significado do bolchevismo, que era entendido de várias maneiras diferentes”. Ferreira (1999, p. 41) também argumenta que o entusiasmo libertário era resultado da falta de conhecimento do que realmente ocorria na Rússia: “A vitória do proletariado russo em 1917 ressoou em todo o mundo do trabalho. No Brasil, o operário mais atuante politicamente vai saudá-lo com todo o entusiasmo, sem entretanto, conhecer o processo histórico que o gerou”.

---

<sup>11</sup> Kronstadt era uma fortaleza naval próxima à cidade de São Petersburgo. A fortaleza era reconhecida pelas ações pioneiras nas revoluções de 1905 e 1917. Durante a guerra civil, seus marinheiros se destacaram na defesa da revolução contra as forças do exército branco. Todavia, em 1921, os marinheiros dos navios Sevastopol e Petropavlovsk se solidarizaram com os trabalhadores de São Petersburgo que estavam em greve e aprovaram um manifesto de 15 pontos que pediam, dentre outras coisas, eleições livres para os soviets, liberdade de imprensa e organização para os operários. Mas para os bolcheviques a revolta não era legítima e sendo liderada por um ex-general tsarista, o movimento foi reprimido duramente pelo Exército Vermelho. Por sua vez, Nestor I. Machnó foi um líder anarquista que organizou um grupo de camponeses para combater o domínio bolchevique na Rússia Soviética. O grupo surgiu em 1918 e também foi derrotado pelo Exército Vermelho em 1921.

## NEGAÇÃO DA INCOMPREENSÃO

Não obstante, a concepção de que o apoio dos libertários à Revolução Russa procedeu da falta de informações concretas parece não se sustentar historicamente. Na contramão desta interpretação que se tornou hegemônica, Mattos (1998, p. 268) assinala que:

A revolução foi entre nós noticiada e comentada exaustivamente. Assim é que os militantes anarquistas, ainda durante o primeiro semestre de 1918, criticaram severamente a imprensa burguesa por tentar confundir os brasileiros com falsas notícias sobre a revolução.

O argumento de que não havia conhecimento sobre o que realmente se passava em território russo se revela bastante frágil, pois as notícias chegavam por meio de vários veículos.

Astrojildo Pereira foi um dos líderes do movimento operário que expressou em diversas publicações o seu apoio à Revolução Bolchevique. Inconformado com as calúnias que eram publicadas diariamente resolveu responder aos ataques e calúnias que a revolução sofria diariamente na imprensa brasileira. Entre 25 de novembro de 1917 e 4 de fevereiro de 1918, ele escreveu uma série de cartas questionando alguns dos jornais burgueses que difamavam e distorciam os acontecimentos na Rússia. Estes textos foram reunidos e organizados em uma brochura, intitulada *A Revolução Russa e a imprensa* e publicada com o pseudônimo de Alex Pavel. Sobre os objetivos de sua publicação, Pereira (2004, p. 405) argumenta: “Creio valerão como um documento e um protesto mais duradouro contra as calúnias e imbecilidades de que se tem servido a nossa imprensa nas apreciações sobre a obra dos maximalistas russos”. A publicação buscava desmentir boatos, como o de que Lênin e os bolcheviques eram agentes do Estado alemão.

Pela imprensa proletária internacional os militantes brasileiros tiveram acesso a outros textos e até mesmo a artigos e documentos produzidos pelos próprios bolcheviques. A publicação italiana *Alba Rossa*, apresentou em março de 1919 a tradução de um artigo de Lênin sobre a paz de Brest-Litovski. Ainda em março, *A Razão* transcreveu a “Constituição Política da República Federativa dos Sovietes”. Em agosto, uma edição do *Spartacus*, publicou em seu número inaugural a “Mensagem aos trabalhadores americanos”, assinado por Lênin. No mesmo ano, o mesmo semanário também divulgou “A democracia burguesa e democracia proletária”, outro texto teórico fundamental do líder bolchevique que foi apresentado

ao I Congresso da Internacional Comunista, no qual se discute de forma clara as questões em torno do conceito de Estado, democracia e ditadura do proletariado. Assim, parece evidente que os libertários brasileiros tinham consciência das discussões e do caráter do regime soviético, pois todos estes textos, ao apresentarem a constituição da República Soviética e ao discutirem o conceito de “ditadura do proletariado” evidenciavam as características do regime revolucionário russo.

Outros jornais como *A Hora Social*, órgão da Federação das classes trabalhadoras de Pernambuco e o *Vanguarda*, diário do povo trabalhador, também publicaram traduções de textos de líderes bolcheviques com o objetivo de esclarecer e difundir os princípios da revolução entre a classe operária brasileira. Mattos (1998, p. 269) reafirma sua posição esclarecendo que: “Em 1919, as páginas dos principais jornais operários de orientação anarquista estavam repletas de artigos destinados a divulgar os feitos da revolução soviética”. Diante de todo o material que era divulgado, a tese de que faltavam informações não parece satisfatória.

Neste cenário, os militantes libertários defenderam a revolução russa, não porque desconheciam a constituição do Estado Soviético na forma da “ditadura do proletariado”, mas sim, apesar da “ditadura do proletariado”. Os libertários adotaram uma posição ambígua, se mantiveram fiéis aos princípios do anarquismo, mas reconheceram a necessidade da ditadura do proletariado como forma transitória na Rússia Soviética. De acordo com Mattos (1998, p. 270):

A defesa da necessidade da ditadura do proletariado foi comum a diversas análises de militantes anarquistas brasileiros sobre o processo revolucionário soviético que a ideia de uma confusão ideológica decorrente de desinformação precisa ser relativizada. Tratava-se de um posicionamento consciente em desacordo com os princípios mais gerais do anarquismo, mas justificado pelos militantes em função das dificuldades reais de implantação do comunismo.

O apoio à Revolução de Outubro parece se estabelecer de forma consciente. Os brasileiros tinham informações sobre as dificuldades com o Tratado de Brest-Litovski, também acompanhavam as batalhas do Exército Vermelho durante a guerra civil, numa luta intensa frente ao exército branco financiado pelas potências europeias. Logo, os libertários perceberam que a permanência de um Estado operário, na forma da ditadura do proletariado, se revelava uma necessidade histórica. Afinal, a revolução havia triunfado, mas ela precisava se defender contra as forças contrarrevolucionárias da burguesia russa e internacional.

A brochura escrita por Hélio Negro (pseudônimo de Antônio Duarte Candeias) e Edgard Leuenroth, publicada em 1919, intitulada “O que é o maximismo ou bolchevismo”, evidencia que os militantes tinham informações sobre a natureza do regime que se construía na Rússia. Apesar de se declararem “inimigos irreconciliáveis do coletivismo ou do socialismo de Estado, que tendendo à destruição dos privilégios capitalistas criam inevitavelmente os privilégios burocratas” (*Apud* BANDEIRA, 2004, p. 228), o texto de Negro e Leuenroth, que tem características de uma carta constitucional, defende a organização de uma “República Comunista”. Manifesta-se um pensamento ambíguo, pois ao mesmo tempo em que se nega a necessidade de um Estado, também se apresenta a defesa de um Estado de transição: “A administração geral da República comunista será confiada ao conselho geral dos comissários do povo, constituído pelos representantes de todos os comissários regionais” (*Apud* BANDEIRA, 2004, p. 230). O texto ainda apresenta a descrição da Constituição aprovada em 1918 durante o III Congresso Pan-Russo dos Sovietes, onde aparece de forma clara a questão em torno da constituição de um Estado de transição, da República Federal dos Sovietes, que representava a manutenção, sob novas formas, de um poder centralizador e do princípio de autoridade.

Diante de todas estas publicações, não parece convincente a afirmação de que os militantes brasileiros desconheciam a realidade russa. É claro que não tinham conhecimento de toda organização ou dos detalhes do regime soviético. Mas é evidente que tinham informações sobre a ditadura do proletariado, ou seja, sobre a organização de um Estado transitório. Influenciados pela experiência russa, os anarcossindicalistas brasileiros, opositores do Estado, passaram admitir a República comunista de forma consciente.

Ainda em 1919, Antonio Bernardo Canellas, militante do movimento anarcossindicalista, viajou à Europa para participar da Conferência Internacional Sindicalista. O evento se realizaria em Amsterdam, mas diante de alguns imprevistos, o brasileiro permaneceu na França e não conseguiu participar do congresso. Mesmo assim, ele aproveitou sua estada no velho continente para buscar informações sobre a organização sindical francesa e sobre a Revolução Russa. Ao retornar ao Brasil, em agosto daquele ano, Canellas elaborou um relatório com as suas impressões. Dulles (1977, p. 83) aponta que, neste documento, ele não fez qualquer oposição ao Estado transitório soviético: “Quanto à ditadura do

proletariado, ele a aceitava como uma medida temporária para dar combate à burguesia, salientando que, ao deixar de existir a burguesia, não haveria sobre quem exercer uma ditadura”.

Mais uma vez parece evidente que os libertários brasileiros tinham conhecimento sobre a organização bolchevique e, conscientes sobre a ditadura do proletariado, a defenderam, assumindo uma posição ambígua. A tese de que houve uma ausência de informações e que esta gerou uma confusão, parece ter surgido a partir da cisão ocorrida de 1921. Foi uma argumentação lançada pelos próprios militantes libertários, para justificar os seus atos, para retirá-los de uma situação de embaraço.

Quando o rompimento se estabeleceu, se propagou a ideia de que o apoio teria sido fruto de uma confusão. Tratava-se de um subterfúgio para fugir do constrangimento de terem apoiado os bolcheviques. Na busca de legitimação e justificação das suas posições, os libertários não reconheceram que se simpatizaram e se aproximaram das teses bolchevistas rompendo com seus princípios. Assim, construíram uma argumentação que buscava justificar a posição anterior, afirmando ter se tratado de um equívoco, um engano que foi gerado pela falta de conhecimento detalhado sobre a Revolução Russa.

## REFERÊNCIAS

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. *O ano vermelho: a Revolução Russa e seus reflexos no Brasil*. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

CANALE, Dario. *O surgimento da seção brasileira da Internacional Comunista (1917-1928)*. São Paulo: Anita Garibaldi e Fundação Maurício Grabois, 2013.

CARONE, Edgard. *Classes sociais e movimento operário*. São Paulo: Ática, 1989.

DULLES, John W. F. *Anarquistas e Comunistas no Brasil (1900-1935)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

FERREIRA, Pedro Roberto. *O conceito de Revolução na esquerda brasileira – 1920-1946*. Londrina: UEL, 1999.

GOMES, Angela de Castro. *A invenção do trabalhismo*. São Paulo: Vértice, 1988.

MATTOS, Marcelo Badaró. O impacto da revolução soviética no Brasil: o debate dos militantes. In: COGGIOLA, Osvaldo. (Org.) *História e Revolução*. São Paulo: Xamã, 1998, p. 268, p. 265-272.

PEREIRA, Astrojildo. A Revolução Russa e a imprensa. In: BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. *O ano vermelho: a Revolução Russa e seus reflexos no Brasil*. São Paulo: Expressão Popular, 2004, p. 405-424.

\_\_\_\_\_. *Formação do PCB (1922-1928)*. 3. ed. Anita Garibaldi e Fundação Mauricio Grabois: São Paulo, 2012.